

Críticas que os fatos confirmam

economia - Brasil

Herbert Levy *

São quatro anos de minhas críticas constantes à política econômica do País, adotada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, que adotou a política deflacionária do FMI para combater a inflação.

O presidente nunca foi um economista, mas não podia ignorar, e muito menos sua equipe econômica, as consequências dessa política do Fundo Monetário Internacional aplicada de 1980 a 1984, no governo do general Figueiredo, que não entendia do assunto, mas por iniciativa do ministro da Fazenda Antônio Delfim Netto. Dados oficiais mostraram 4,5 milhões de desempregados nesse período, explosão das favelas nas grandes cidades e proletarização da classe média.

Sobretudo para um político e sociólogo voltado aos problemas sociais essa orientação é incompreensível. É a mesma política aplicada nos países asiáticos e latino-americanos que atualmente enfrentam graves crises.

Vejamos os lastimáveis efeitos:

- Recorde absoluto do desemprego, mesmo ante a crise de 1929.
- Recordes sem precedentes dos déficits orçamentários da União que provocaram aumentos insuportáveis da dívida interna fundada, razão pela qual o governo tratou de minorá-la, usando os grandes recursos das privatizações ao invés de aplicá-los em outros investimentos também essenciais.
- Altas inaceitáveis nos juros que atingiram as taxas de agiotagem nas operações bancárias. Um exemplo: a conhecida Usina Santa Lydia de Açúcar e Álcool, de Ribeirão Preto, requereu concordata e seus advogados vieram a público declarar que sua cliente não pôde aguentar taxas de juros bancários de 100% a.a.!
- A valorização cambial que



acompanhou a política deflacionária do FMI provocou nestes quatro anos déficits sem precedentes na balança comercial, na qual sempre tivemos bons saldos, criando nova procura de recursos cambiais, invertendo uma posição tradicional. Os produtos importados fizeram concorrência aos industrializados do Brasil, agravando nossas dificuldades. Um exemplo: o Brasil mantinha virtual monopólio na exportação de café solúvel que perdeu para a Colômbia e a Venezuela.

■ A inadimplência provocada pelos juros de agiotagem produziu grave crise bancária, pior do que a de 1929. Foram liquidados 45 bancos, alguns de grande porte, dando oportunidade a grandes bancos estrangeiros de aqui se instalar.

No meio dessas dificuldades todas batemos o recorde de reservas cambiais, entre US\$ 65

e US\$ 70 bilhões. Isso se deve ao estímulo ao capital especulativo, ao chamado dinheiro quente, ao qual o Banco Central fornecia os reais equivalentes. Era evidente que quando esse capital fosse repatriado, engordado por esses juros de agiotagem, enfrentaríamos uma grave crise. Nas duas últimas semanas a nossa perda de reservas é atribuída à repatriação desse capital especulativo. A equipe econômica procura fugir ao debate do assunto, mas as preocupações, mesmo na área do governo, são indissociáveis.

Agora uma constatação. Ao lado desses erros imperdoáveis, o presidente Fernando Henrique Cardoso ostenta uma total integridade, que lhe dá preciosa autoridade moral.

Por isso, quando foi a Londres, hospedaram-se num palácio real, inclusive porque a estabilidade monetária impressiona os países do Primeiro Mundo. Mas viessem seus dirigentes conhecer o custo pago pela nossa economia e

seriam muito mais cautelosos nos louvores.

Estas linhas estavam escritas quando encontro no Time Magazine – o semanário norte-americano de maior circulação no mundo – estas notas, divulgadas com grande destaque: “Na minha opinião, o Fundo Monetário Internacional é o grande responsável pela crise asiática”. (Milton Friedman)

Sinto-me orgulhoso de ver um economista mundialmente conhecido e respeitado compartilhar a posição que assumi há tantos anos quanto à política deflacionária do FMI e sua responsabilidade nas crises econômicas mundiais. Como brasileiro devo acrescentar: Especialmente no Brasil onde essa política desastrosa provocou uma grave crise econômica quando aplicada por um ministro da Fazenda inidôneo de 1980 a 1984 e inexplicavelmente readotada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. ■

* Presidente do Conselho de Administração da Gazeta Mercantil.